

Los efectos climáticos están en el centro de tales movimientos, y sus consecuencias fueron el alza de los precios y la cada vez más mermada capacidad de consumo de los habitantes, lo que ocasionó la aparición de mendigos y menesterosos en la ciudad.

La visión que nos presenta, sobre todo a partir del análisis detallado de la carne y sus incidencias, aunado a la lectura acuciosa de los demás trabajos, pone en tela de juicio el inicio de la crisis económica colonial y nos ubica en la problemática señalada, pero poco analizada, de las condiciones de vida de principios del siglo XIX. Para terminar hace un llamado de atención sobre el asunto de los impuestos. La fiscalización fue eficiente y eficaz, y si la sumamos al alza de los precios provocaría una disminución de los ingresos de los consumidores/contribuyentes, pero también sería parte del aumento de precios que provocó, por su lado, la reducción del consumo y el empobrecimiento de la población.

Tenemos en este libro una interpretación que centra el problema de la crisis económica de finales del periodo colonial en nuevos resultados que sin duda nos permiten entender mejor varios problemas donde la autora apunta una lectura más acuciosa y detallada de los resultados de otras investigaciones, lo que le permite realizar una nueva explicación y ubicar el problema en una nueva dimensión. Lo interesante es la coincidencia, en casi todos los trabajos, en el problema de la crisis, aunque la lectura sea distinta. Un texto que sin duda causará polémicas y discusiones, que nos hará revisar nuevamente el comportamiento económico del siglo XVIII y principios del XIX para intentar explicarlo a partir de la lectura y los datos incorporados en este texto.

*Jorge Silva Riquer*

Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo

Carla Maria Carvalho de Almeida e Mônica Ribeiro de Oliveira (organizadoras), *Nomes e números: alternativas metodológicas para a história econômica e social*, Juiz de Fora, UFJF, 2006, 352 pp.

A organização de publicações que agregam um número variado de artigos em torno de um tema, ou ainda, de áreas de estudo mais amplas, tem sido fato recorrente tanto na historiografia brasileira quanto no âmbito internacional. A confecção das coletâneas geralmente se efetiva sob a tutela dos departamentos, dos laboratórios de pesquisa, dos grupos de estudo, ou mais restritamente, através de esforços individuais. De uma forma ou de outra, independentemente do seu *locus* de produção, estas publicações alimentam, em sua origem, dois momentos intelectuais dis-

tintos, embora não excludentes. Por um lado, estas coleções têm um caráter mais restrito, em que sua própria organização se dá de forma mais específica, já que os textos que as compõem têm desde seu início uma finalidade dada, qual seja, a de corroborar na construção da coletânea. Por outro lado, a reunião de artigos originalmente destinados à apresentação em colóquios, seminários, congressos, conferências etc., apresentam uma lógica diversa, já que o seu destino inicialmente proposto não era dirigido para a publicação em forma de coleção. De todo modo, as duas modalidades apresentam um quadro comum a qualquer obra historiográfica, que é colaborar de modo específico na construção ou reconstrução dos enfoques, ou alternativamente, de paradigmas sobre determinados temas e/ou objetos.

De qualquer forma, a reunião de textos sob um mesmo foco, não se limita a um processo de reunir, construir ou reconstruir paradigmas, compartilhados ou não, em meio à multiplicidade de enfoques possíveis e variáveis, mas estende-se e atinge seu caráter mais nobre ao possibilitar a reflexão sobre os avanços, até então apreendidos, nas pesquisas acerca de um mesmo eixo, seja ele temporal, metodológico, temático ou teórico. Sendo assim e neste mesmo sentido, apresenta-se a obra objeto desta recensão, organizada pelas professoras Carla Maria Carvalho de Almeida e Mônica Ribeiro de Oliveira –*Nomes e números: alternativas metodológicas para a história econômica e social*–, ambas docentes pelo Programa de Pós-graduação em História, Cultura e Poder da Universidade Federal de Juiz de Fora.

“É possível apreender *o outro*?” Pergunta constante a diversas áreas do conhecimento, esta sentença adquire enorme sentido na prática historiográfica e tem martelado as nossas cabeças a um longo período, mas talvez a sua crueza nunca tenha se desvelado tão incômoda como hoje. Com certeza, uma enorme quantidade de tinta e papel já foi utilizada, mas por toda parte existe uma quantidade enorme de pretendentes, da religião à medicina, da psicologia à física, da filosofia à história, que se propõem se não esgotá-la, pelo menos contribuir com esses dilemas.

No ofício de historiador, questões como essa e de presumível dificuldade, são ainda acrescidas pelo fator tempo, de modo que as nossas indagações são sempre permeadas por não mais que indícios, resquícios, reflexos deformados, fragmentos de vivência que restaram de nossas testemunhas. Com certa nostalgia podemos nos lembrar e regozijar de nossos antecessores que até pouco tempo, partilhavam do confortável abrigo que o status de profissional da história e de uma certeza quase colossal de que o conhecimento histórico era não somente imparcial, justo, prudente, cauteloso, mas também ao nível das ciências naturais, científico, os provia. Mas não herdamos tantas certezas, e os questionamentos da nossa prática não se fizeram imediatamente solucionáveis.

Na historiografia brasileira, estes incômodos também se fizeram sentir sobre o fazer historiográfico, tornando-se imprescindível e urgente renovar os aparatos teóricos e estabelecer novos caminhos metodológicos, proposta esta seguida de perto por esta obra, em que esta tensão historiográfica torna-se visível e os seus textos são uma tentativa de apontar resultados práticos destas reflexões.

Originalmente fruto de um Colóquio realizado pelo LAHES –Laboratório de História Economia e Social– da UFJF, o livro divide-se em seis partes, subdivididas em quinze capítulos. A primeira parte compõe-se de dois capítulos de caráter teórico-metodológico, discutindo as relações entre poder, mercado e trabalho e ainda as potencialidades da micro-história para as análises da história econômica e social. A segunda parte, composta por três capítulos, discute a composição e as formas de atuação das elites no espaço colonial. A terceira parte, com dois capítulos, discute os negócios no Império Português e sua articulação com a administração e autoridades régias. A quarta parte, com três capítulos, analisa as relações familiares no Brasil escravista. A quinta parte, composta por dois capítulos, discute os circuitos econômicos regionais. Na sexta e última parte, com três capítulos, discute-se as experiências do trabalhador brasileiro em distintos contextos.

O interessante a salientar é que aparentemente dispersos em seus temas e enfoques, os textos reunidos na obra possuem um foco comum, um eixo que os une, que é a preocupação em conjugar as análises de caráter estrutural e generalizante, baseadas nas fontes passíveis de formar grandes complexos seriais, com aquelas fontes de caráter microscópico. Fontes nas quais se podem ouvir o eco destes indivíduos, onde é possível instá-los a “participar” de sua própria trama, onde eles são chamados por seus nomes e não apenas como membros silenciosos de gráficos e percentagens, e que por isso mesmo colocam em evidência os atores sociais e as suas possibilidades de atuação, dentro dos limites é claro, como elemento constitutivo e essencial para a apreensão da realidade histórica.

Ainda neste sentido, o mergulho das grandes estruturas, dos grandes modelos teórico-explicativos e da quantificação à permeabilidade de uma perspectiva de análise mais complexa, verticalizada e microscópica admite e centraliza o indivíduo como parte integrante do movimento histórico. Consequentemente, congregar uma maior diversidade e cruzamento de fontes, tem permitido, sem perder a conexão com as hipóteses mais generalizantes e globalizantes, a superação e até, por que não, a colocação de novos impasses.

De fato, ao se buscar a leitura desta obra, o leitor irá perceber que, além disso, o que conecta todos os textos é a interlocução entre os estudos

de *história econômica e social* com a *história política*, pensando nas conexões existentes entre o fenômeno do poder e a emergência e desenvolvimento das relações de mercado, bem como das relações de trabalho que estão intrinsecamente relacionadas a estas. Dessa forma, os textos que corporificam a obra, estão preocupados em seus diversos enfoques, com a formação, em suas múltiplas dimensões, dos atores presentes no âmbito do trabalho e do mercado, procurando ainda apreender as relações estabelecidas entre estes atores e as institucionalizações do poder, dos interesses na sociedade civil, dos processos de resistência, da representação política e das modalidades de intervenção do Estado.

Neste sentido, valoriza-se o indivíduo como agente histórico, e admite-se que os atores possuem capacidade para influenciar a ação do Estado e assim, adquire força a idéia de que todos os sistemas normativos possuem brechas, lacunas e que mesmo dentro de limites muito específicos, os indivíduos podem através da sua experiência, elaborar e efetivar estratégias de movimentação dentro destes sistemas. Ainda nesta direção, o eixo da obra nos coloca frente à capacidade, à liberdade que os atores sociais possuem, dentro dos limites evidentes em todos os sistemas normativos ou sistemas de significações, de se manobrar, de agir e interpretar, de modo que estes mesmos indivíduos, enquanto atores sociais, não se movem apenas e em função de suas esferas/arenas, mas vinculam-se às múltiplas dimensões da interação social. Dessa maneira, podemos passar a uma abordagem bastante frutífera de que existiria uma coexistência, superposição e interpenetração de formas variadas de manifestação da realidade em suas múltiplas instâncias.

Em síntese, esta nova forma de encarar a realidade tem permitido não somente uma nova abordagem dos objetos da história, mas principalmente trouxe a possibilidade de apreender a sociedade, e em nosso caso, as sociedades no passado, da forma mais complexa possível. De todo modo, pensar os *nomes* e *números*, sob a perspectiva de conjugação entre as grandes estruturas e as análises de reduzida escala, seja talvez o maior mérito desta obra, já que a sua perspectiva tem cada vez mais adquirido terreno, ao passo que as noções dualistas, polarizadas, ou mesmo bipolarizadas, estão incessantemente sendo recolocadas a partir de uma perspectiva mais aberta, mais holista e flexível, mais sensível à fluidez, permeabilidade e porosidade dos relacionamentos pessoais, do comércio, da sociedade e do governo dos impérios, assim como da variedade e nuance de práticas e crenças religiosas.

*Felipe Rodrigues de Oliveira*  
Programa de Pós-graduação em História  
Universidade Federal de Juiz de Fora